

Sarney: Quatro legendas

Presidente da Arena assegura que mais de três partidos serão criados

O presidente da Arena, senador José Sarney, descartou ontem a hipótese da criação de somente três partidos depois da reforma, levantada pelo senador Jarbas Passarinho, líder da Maioria, "como um perigo maior do que o próprio bipartidarismo".

Sarney, que disse concordar com o líder quanto "à inconveniência de um regime tripartidário", em face da possibilidade de o partido menor ditar as regras do jogo, assegurou que a tendência é de se formarem quatro novos partidos e não três, como teme Passarinho.

No tripartidarismo antevisto pelo líder arenista, formado pelo **Arenão**, PDB (sucedeâneo do MDB) e o PTB, o ex-governador Leonel Brizola surgiria como o homem forte do poder, pois, seu partido, sem o menor, conduziria o processo como fiel da balança no jogo de contradições dos dois maiores, a exemplo do que ocorreu com o Partido Liberal na Inglaterra, há cerca de dois anos.

Tal hipótese, contudo, segundo Sarney, é hoje superada, pois, como asseverou, os novos partidos serão num mínimo de quatro: o partido de Governo, o partido que nascerá dos quadros do MDB, o PTB e outro que recolherá os dissidentes da Arena e do MDB.

SURLEGENDA E DISTRITAL

O presidente da Arena não quis abordar diretamente a questão da manutenção ou não da sublegenda para as eleições municipais, preferindo falar em tese sobre a mutabilidade das leis eleitorais e partidárias, que, no seu entender, é uma constante no Brasil e no mundo.

Sobre seu acalentado projeto de implantar o voto distrital no Brasil, o senador maranhense disse: "Este é um assunto que não está em pauta e não vejo nenhum sintoma de que ele seja abordado num período imediato".

José Sarney, que respondia à pergunta dos repórteres, lembrou que "a agenda do Governo está carregada pelas prioridades estabelecidas pelo Presidente Figueiredo, não se podendo atropelar os assuntos nela catalogados".

OPOSIÇÃO E GOVERNO

Ele também comentou documento divulgado pela revista **Veja**, comprovando que antigos ministros, hoje fazendo oposição ao Governo, como o ex-Premier Tancredo Neves, o senador Franco Montoro e o deputado Ulysses Guimarães, utilizavam na época do Governo a mesma linguagem hoje empregada pelo Governo.



Sarney vê inconveniência no tripartidarismo

No documento, retirado de gravações das reuniões do gabinete parlamentarista que Governou o País entre 1961 e 1963, o então Ministro do Trabalho, Franco Montoro, usava expressões do tipo "movimento reconhecidamente subversivo", referindo-se a uma greve, em São Paulo, e o primeiro-ministro Tancredo Neves sustentava: "Sabemos que o grupo dos

bancários é o mais infiltrado pelos comunistas".

Tudo isso era endossado pelo ministro da Indústria e do Comércio, Ulysses Guimarães, que dizia a certa altura de uma reunião de fim de ano: "No momento em que o Governo resolveu tomar as medidas que tomou, considerando ilegais várias greves anunciadas, o que sucedeu é que a autoridade do Governo foi prestigiada. De forma que já temos a experiência de uma ação mais decidida e mais enérgica que fortaleceu muito a autoridade do Governo".

José Sarney fez a propósito longa digressão, para concluir que a Oposição, não tendo compromisso com a realidade, é sempre crítica, uma posição que ele acha saudável em qualquer regime democrático, enquanto o Governo é obrigado a trabalhar a massa da realidade.

— O Governo lida com o fato e a Oposição, com a abstração - disse ele.

Aproveitou ainda a oportunidade para defender o Executivo forte, dizendo que a hipertrofia desse ramo do poder, denunciado pelo livro de Arthur Schlesinger, assessor do falecido presidente John Kennedy, "A Presidência Imperial", depois dos fatos que sucederam ao **Watergate**, é uma realidade no mundo.